

PERSPECTIVAS DO LIVRO *UM RIO A CADA DIA* DA AUTORA LILA MAIA (resenha)

Gabriela Müller da Cruz

Letras - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

MAIA, Lila. *Um Rio a Cada Dia*. São Paulo, Patuá, 2025.

No livro *Um Rio a Cada Dia* (2025) da poeta Lila Maia, os leitores são convidados para uma jornada que se desdobra em torno da transformação da memória em poesia ao brincar com metáforas e imagens sensoriais. A obra transcende uma mera narrativa, construindo um mosaico de sentimentos e lembranças. Nessa experiência literária imersiva, que vai além das letras e da leitura simples, as palavras são bordadas de forma à atingir o corpo, instigando a imaginação e outras experiências sensoriais.

Podemos perceber um ritmo próximo à oralidade em seus poemas, sua leitura pode ser rápida ou devagar, com pausas, delicadeza ou urgência; essas combinações podem emular o movimento de uma agulha que vai e vem no tecido, que também constrói uma narrativa. Dessa forma, Lila se torna a agulha que costura as palavras e borda no espaço a história que chega aos leitores.

PAIXÃO

(Para Jacinto Fabio)

O primeiro verso do poema é um anjo terrível.

Mas escreve-se nas pontas dos pés sem ser bailarina,
numa piscina rasa, descendo uma rua deserta.

A verdade é que todo poeta traz dentro de si
um passarinho frustrado:
nunca terá a rapidez do voo para mudar de lugar
palavras desnecessárias.

O primeiro verso do poema é um anjo terrível.
Não percebemos que a chama de outra chama
nem sempre ilumina.

Às vezes uma palavra pode ter um jardim
só de rosas amarelas e esse de repente
completo de chuva.
(Maia, 2025, p. 68).

O livro não parte de uma linearidade temporal estabelecida, mas flui como um rio de consciência, no qual a autora “costura” diferentes momentos de sua vida a partir

da memória. A vida, nesse contexto, surge como um tecido sobre o qual a narrativa é bordada, composta por paisagens, pessoas e sentimentos que se entrelaçam:

Seguindo mais a tradição oral das avós que a tradição impressa das academias, algumas mulheres viravam o discurso teórico para trabalhá-lo pelo lado da bainha. Familiarizadas com as costuras, souberam que toda construção apoia suas bases em um fio não discursivo (Kamenzain, 1983).

O ato de costurar e bordar é indispensável para um tipo de literatura que surgia entre as mulheres enquanto elas se sentavam juntas para praticar. A contação de histórias, receitas, ou devaneios seria uma forma de memória mortificada na conversa, segundo Kamenzain.

A memória é um fio condutor para Lila, e suas palavras funcionam como uma agulha que tece cada palavra com cuidado. A repetição de alguns temas e imagens mentais ao longo do livro é análoga aos pontos de bordado que se repetem para criar padrões e texturas, conferindo à obra um ritmo próprio e uma densidade emocional que cativa o leitor e o transporta para as lembranças íntimas da autora.

DESCENDO A RUA DOS PRAZERES

Livre das águas primitivas,
do assoalho de tábuas corridas - sempre limpo,
dos vestidos brancos, bordados.
Hoje, os gestos, os passos de meu pai não me vigiam.
Há uma agulha fincada à altura do peito que não quebra,
costura o prazer que invoco.
E saio daquela casa viva.
Por três vezes me vi inundada de rios.
Depois caminhei só,
entre o jardim e o abismo.
(Maia, 2025, p. 59).

A beleza da obra reside na sua capacidade de revelar a profundidade nas pequenas coisas e nos detalhes aparentemente insignificantes. Assim como no bordado, onde um simples ponto pode carregar um grande significado, cada fragmento do livro tem um peso que constrói a obra como um todo. A autora não teme as imperfeições ou falhas da memória ou do tempo, e em vez disso as acolhe e integra em sua narrativa, mostrando que a beleza também está nas linhas que se cruzam de forma inesperada. Essa honestidade em sua escrita torna o texto autêntico, fazendo com que a obra vá além de uma simples leitura e se torne uma experiência sensorial e emocional.

A relação entre o fazer literário e o bordado passa pela ideia de que ambos são formas narrativas e poéticas, meios de se preservar e contar uma história. O bordado é como um testemunho silencioso do tempo, assim como a obra de Lila, que borda suas memórias no papel para torná-las permanentes. A autora prova que a literatura, assim como o bordado, é uma poderosa ferramenta para tecer a vida e para convidar os leitores e espectadores a olhar o mundo de forma mais atenta e sensível.

REFERÊNCIAS:

KAMENSZAIN, Tamara. **Bordado e costura do texto**. Trad. Clarisse Lyra. Livro: El textossilencioso: traducción y vanguardia en la poesia hispanoamericana, 1983.

MAIA, Lila. **Um Rio a Cada Dia**. São Paulo, Patuá, 2025.